

CONTOS PARA CONTAR

Por PAULO FERREIRA DE LEMOS

Quando em 1955 publiquei um artigo ⁽¹⁾ com este mesmo título já sabia ter de voltar ao assunto, pois, como consequência da publicação do que não pretendeu ser mais que um princípio de catálogo, outros contos para contar iriam aparecendo e justificar-se-ia a sua revisão no sentido de o actualizar com novos achados.

Aproveito a oportunidade para me congratular com o aumento de coleccionadores destes estimáveis numismas e dum sei que, começando a coleccionar contos para contar depois de 1955, já tem uma muito boa colecção e lhe pertence, entre muitos outros, o lindíssimo exemplar que hoje publicamos com o n.º 39 A.

Trata-se do Ex.^{mo} sr. J. Sousa Nunes, a quem muito agradecemos a gentileza de nos permitir a reprodução do conto referido de D. Afonso V.

Os restantes a que este artigo faz referência, com exclusão dos extraídos do catálogo n.º 76 — Outubro 1921 de J. Schulman, pertencem à minha colecção.

Vem a propósito relembrar que no estudo referido apenas se consideraram tipos pois a inclusão de variantes, de que tenho visto muitos exemplares, alongaria a enumeração e aumentaria extraordinariamente o trabalho da sua recolha e respectivo desenho com a prévia certeza de que dificilmente se chegaria a resultado definitivo; deixo essa tarefa aos coleccionadores, consciente de que será mais agradável ainda o descobrir as diferenças e variações de cunho do que constar que tal ou tal variante já se encontra reproduzida.

(¹) NVMMVS Vol. III — 2 n.º 9.

APÊNDICE AO CATÁLOGO

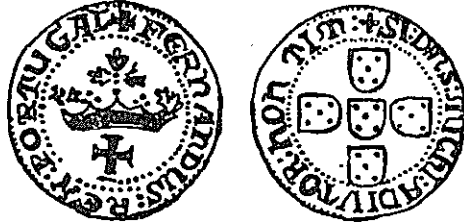
D. Afonso III
1 A —



Note-se a disposição dos escudetes e a ornamentação da legenda em volta da cruz.

Os pontos ou besantes que carregam os escudetes mostram, pela sua disposição em vau, (dois verticais encimados por dois horizontais) a filiação deste numisma no reinado de D. Afonso III.

D. Fernando
17 A —



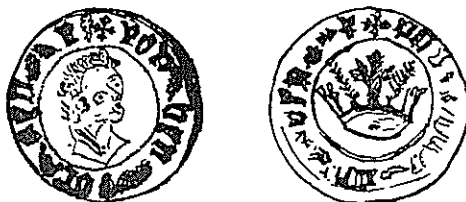
Conto de extraordinária beleza e conservação, cunhado em nome de D. Fernando e antecedente, pela inserção da coroa no campo do anverso, dos contos 20, 21 de D. João I, de 28 de D. Duarte e de 35 A de D. Afonso V

18 A —



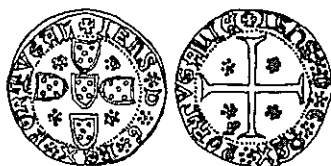
Sem características especiais que o caracterizem como conto português e portanto da mesma forma que 18 classificado como internacional, pois como é sabido, muitos destes numismas deveriam ter sido importados.

D. João I
20 —



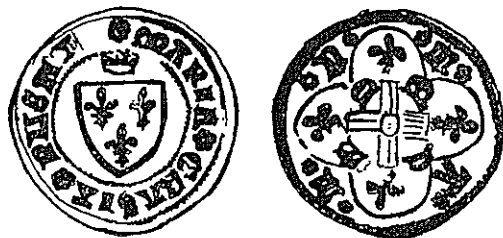
Repete-se a gravura, pois no catálogo de 1955 foi executada do avesso, não permitindo a leitura da divisa «POR BEN».

26 A —



P no quadrante inferior esquerdo da cruz, IhNS nas legendas de uma e outra face. Latão, o que exprime claramente tratar-se de um conto.

D. Duarte
28 A —



Conto para contar inspirado em moedas francesas que já tinham influenciado as dobras pé de terra de D. Fernando e de que os contos 18 e 18 A pelo reverso são, também, mostras evidentes.

Os E D que contornam a cruz e o escudo, que parece ser o de Portugal (ver 38 A) permitem admitir a hipótese de se tratar de um conto, o segundo conhecido, de D. Duarte.

As letras que contornam os arcos:

— A. M. N. M. — correspondem, certamente, a uma invocação da Virgem Maria (Avé Maria? NOSSA MÃE) como aliás sucede na legenda do anverso, ou corresponderão à finalização do distico do anverso com a palavra AM(E)N que se pode ler, quer no sentido directo quer no sentido retrógrado, com elipse do E.

D. Afonso V
35 A —

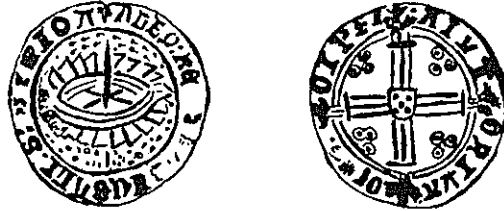


Numisma muito cerceado e gasto em que só a coroa e o rodízio apparecem com clareza.

Duas letras que encimam o rodízio poderão ser da legenda da empresa de Afonso V — he rodízio —.

Muito conveniente seria que se algum colleccionador tivesse um exemplar em bom estado, ou pelo menos melhor, o desse a conhecer para melhor esclarecimento.

38 A —



Bonito exemplar, e como já se disse pertença do Ex.^{mo} sr. Sousa Nunes, com a empresa de Afonso V (Rodízio) e a cruz ainda inspirada em dobras pé de terra.

D. João II
48 e 48 A —

Mal pensaria ao escrever no artigo anterior (Nvmms Vol. III — 2 n.º 9) a respeito de contos de D. João II:

— «45 a 48 — Moedas de conto com o pelicano, caracteristicamente de D. João II e a que só falta a legenda «*Pola lei pola grei*» — que no catálogo n.º 76 de J. Schulman iria encontrar, justamente, as seguintes descrições:

«2.239 — Jetão com o pelicano — ET. QUIMANET: IN CARITATE: IN: DEOMANET.ET — Pelicano

Reverso: TIMOR DOMINI SANCTVS PER MALETIVS EO —
O escudo coroado de Portugal (pequena coroa) ladeado de dois arabescos».

Este jetão ou conto corresponde ao 48 do catálogo e esclarece a legenda que não se pode ler no exemplar então desenhado.

No mesmo catálogo de J. Schulman, por outro lado, encontra-se sob o n.º 135 o seguinte:

«135 — Ensaio em bronze, portuguez, IOHANES. II. R.P. ET A. DNS. GUINEE:

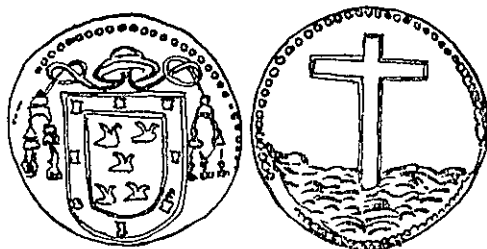
Escudo coroadado entre o—o.

Reverso PRO.LEGE. ✱ ET. GREGE. ✱

Pelicano alimentando os seus filhos.

Este exemplar que não foi reproduzido no referido catálogo é, em toda a evidência, um conto de D. João II e a este nem falta a legenda «Pola lei pola grei».

D. Henrique
117 —



Ainda no citado catálogo Schulman sob o número 2286 se encontra descrito e reproduzido fotograficamente o conto com a seguinte descrição:

«Jetão em prata. Escudo com as armas dum bispo portuguez.

Rev. Cruz sobre o mar»

Suponho tratar-se dum conto atribuível a D. Henrique pois as insignias de cardeal assentes sobre o escudo nacional (embora deturpado como era uso em contos para contar) são premissas válidas para tal afirmação, mas não é de desdenhar a hipótese de ter sido cunhado por D. António, Prior do Crato, nos Açores, representadas estas ilhas pelas cinco aves que carregam, em aspa, o escudo; a cruz sobre o mar não destoa desta hipótese.

Lisboa, Abril de 1960.